

**REDE DE APOIO SOCIAL E AFETIVO DE CRIANÇAS  
EM SITUAÇÃO DE POBREZA**

Raquel Conte Poletto

Dissertação de Mestrado apresentado como  
exigência parcial para a obtenção do grau de Mestre em Psicologia  
sob a orientação da Profa. Dra. Sílvia Helena Koller

Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
Curso de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento.  
Agosto, 1999

## SUMÁRIO

Sumário de Tabelas .....	3
Resumo .....	4
Abstract .....	5
Capítulo	
I Introdução .....	6
II Método: .....	16
2.1 Participantes: .....	16
2.2 Material: .....	19
2.3 Procedimentos: .....	20
III Resultados: .....	22
3.1 Mapa dos Cinco Campos: .....	22
3.2.1 Estrutura: .....	22
3.2.2 Funcionalidade: .....	25
IV Discussão: .....	31
4.1 Dados Sócio-Demográficos: .....	31
4.2 Rede de Apoio Social e Afetivo das Crianças: .....	32
4.2.1 Quanto à Estrutura: .....	32
4.2.1 Quanto à Funcionalidade: .....	34
4.3 Conclusões: .....	37
Referências .....	39
Anexos:	
Anexo A Entrevista com a Criança: .....	42
Anexo B Entrevista com o Familiar: .....	43
Anexo C Mapa dos Cinco Campos: .....	45

## SUMÁRIO DE TABELAS

Tabela 1	Freqüência e Percentual de Dados Demográficos das Crianças (N= 40) .....	16
Tabela 2	Dados Sócio-Demográficos das Mães e Cuidadores (N= 40) .....	17
Tabela 3	Freqüências e Percentual da Composição Familiar ( N=40 ) .....	18
Tabela 4	Freqüência, Média e Desvios-Padrão das Pessoas Citadas pelas Crianças e Pais no Mapa de Cinco Campos .....	22
Tabela 5	Freqüências, Médias e Desvio Padrão do Número de Pessoas Citadas nos Campos pelas Crianças e pelos Cuidadores (N=80) .....	23
Tabela 6	Freqüências e Percentuais da Ordem de Escolha dos Campos pela Criança (N=40) .....	24
Tabela 7	Freqüências e Percentuais da Ordem de Escolha dos Campos pelo Cuidador (N=40) .....	25
Tabela 8	Estatísticas Descritivas para os Fatores de Proximidade Obtido no Mapa Realizado pelas Crianças e pelos Pais com Relação à Rede da Criança (N=80)..	26
Tabela 9	Freqüências e Percentuais do Fator de Proximidade do Familiar que Respondeu a Entrevista dos Dados Sócio-Demográficos e o Mapa dos Cinco Campos das Crianças (N=40) .....	27
Tabela 10	Freqüências e Percentuais do Fator de Proximidade Atribuído aos Pais pelas Crianças (N=40) .....	27
Tabela 11	Fator de Proximidade Atribuído aos Pais pelos Cuidadores (N=40) .....	28
Tabela 12	Estatísticas Descritivas do Total dos Contatos Negativos Citados pelas Crianças e Cuidadores .....	28
Tabela 13	Freqüências, Médias e Desvios- padrão dos Contatos Negativos por Campo das Crianças e Cuidadores (N=80) .....	29
Tabela 14	Resultados das Diferenças de Médias das Crianças e das Variáveis do Mapa (N=80) .....	29

Tabela 15 Correlações das Variáveis dos Mapas das Crianças e Cuidadores ..... 30

### **Resumo**

O objetivo desse estudo foi avaliar as redes de apoio social e afetivo de crianças em situação de pobreza, na cidade de Caxias do Sul. Para isso, foi utilizada uma entrevista estruturada, aplicada a uma amostra de quarenta crianças (40), com idades entre seis a dez anos, bem como uma entrevista estruturada aplicada aos pais/cuidadores dessas crianças. Foi aplicado o Mapa dos Cinco Campos nas crianças e nos seus respectivos pais/cuidadores para obter dados sobre a rede de apoio social e afetivo das crianças do ponto de vista delas mesmas e de seus pais/cuidadores. Os resultados obtidos revelam que as crianças em situação de pobreza têm redes de apoio com estrutura e funcionalidade de acordo com o descrito na literatura com outras populações. No entanto, existe discrepância na estrutura e na funcionalidade no que se refere a rede descrita pelas crianças e a rede descrita por seus pais/cuidadores. Fatores de risco e de proteção são apontados e discutidos a partir desses achados.

## **Abstract**

The aim of this study was to evaluate the affective and social support networks of poor children in Caxias do Sul from their own point of view, and from their parents/caretakers' point of view. A structured interview and the Five Field Map test were applied to 40 children, six to ten years old and to their respective parents or caretakers. The results revealed that poor children have social and affective support networks like any other children, in terms of structure and function. However, there are some differences between their own point of view and their parents/caretakers' view on their social and affective support networks. Risks and protective factors are discussed.

## CAPÍTULO I

### INTRODUÇÃO

O objetivo desse trabalho foi avaliar as redes de apoio social, que encorajam e reforçam a capacidade da criança para lidar com as circunstâncias de vida, segundo a percepção da própria criança e de suas famílias. Esse estudo visou, ainda, a dar uma contribuição teórica ao estudo da resiliência e, ao mesmo tempo, gerar conhecimento capaz de subsidiar programas comunitários, preventivos e educacionais, com a finalidade de melhorar a qualidade de vida de grupos em situação de risco.

Muitas crianças, ao enfrentarem situações estressantes como a pobreza, apresentam distúrbios evolutivos, problemas de conduta, desequilíbrio emocional. No entanto, muitas outras superam as dificuldades impostas por um ambiente hostil e se desenvolvem dentro de padrões de normalidade, ou seja, permanecem na escola, encontram trabalho e se tornam adultos socialmente competentes.

Recentemente, a Psicologia do Desenvolvimento vem se preocupando em investigar o por quê e como algumas pessoas mantém equilíbrio psicológico diante de situações estressantes em suas vidas, como a situação de extrema pobreza, enquanto outras desistem e perdem as esperanças, desenvolvendo sintomas ou doenças patológicas. Que fatores ou processos favorecem a saúde e o ajustamento psicológico? Efetivamente, pouco foi estudado sobre pessoas que, apesar da adversidade, desenvolvem-se com um funcionamento psicológico relativamente sadio (Zimmerman & Arunkumar, 1994).

O desenvolvimento implica em tarefas fundamentais complexas e dinâmicas, e ocorre pela interação de forças genéticas com forças ambientais. As crianças desenvolvem-se em interação com pessoas, instituições, como as creches, escolas, comunidades, famílias, entre outras. Dessa forma cada criança internaliza modelos e experiências, que segundo Celia (1997) formam o seu mapa social.

De acordo com Serra (1998), a família e a escola cumprem as funções de controle e socialização das crianças. Antes do Século XVI, a consciência social não admitia a

existência autônoma da infância enquanto categoria diferenciada do gênero humano. A partir das sociedades industriais, a infância passa a ocupar um novo lugar, através da escola, no processo de construção social. A escola colabora, decisivamente, na homogeneização e reprodução da categoria infância, enquanto instituição informal de controle social (Garcia Mendez, 1990; citado por Serra, 1998) .

Assim como a escola, as interações familiares são consideradas muito importantes na rede de apoio social de um indivíduo. Zamberlan e Biasoli-Alves (1997) definem algumas variáveis intrafamiliares, que afetam os processos e os papéis dos membros do grupo. O papel dos pais, por exemplo, além do provimento de bens, sustento dos filhos, educação informal e preparo à educação formal, consistem em transmitir valores culturais de diversas naturezas (religiosos, morais, tradicionais, acadêmicos) e tem a missão de dividir afazeres e controlar rotinas, as quais são assimiladas pela prole no desenvolvimento de sua personalidade. Aspectos da dinâmica do grupo familiar podem ser muitos poderosos na vida da criança, sendo que é no lar que ela desenvolve quase todos os repertórios básicos de seu comportamento. A partir da segunda infância a relação entre pares dá lugar à satisfação de necessidades de afiliação, compartilhamento de brincadeiras e identificações com os outros. Nas relações competitivas e cooperativas evidenciadas nessas relações, as crianças modificam pensamentos, aspirações e condutas sociais, aprendendo a cooperar, dividir, ganhar, perder, esperar sua vez em relação ao grupo. Assim, não só a família se torna agente socializador de importância na infância, mas outras interações que ampliam sua rede de relações sociais podem contribuir decisivamente para o desenvolvimento (Zamberlan & Biasoli-Alves, 1997). Contemporaneamente, as mudanças na estrutura das famílias influenciam sobremaneira o desenvolvimento da criança na família, tais como a crescente separação dos domínios do trabalho e do lar e a separação funcional de papéis atribuídos aos homens e às mulheres, sendo que os cuidados infantis passaram a ser atribuídos culturalmente à mulher. Zamberlan e Biasoli-Alves (1997) apontam para as mudanças de valores na educação dos filhos, como consequência das mudanças nos valores parentais, fazendo com que o sistema familiar torne-se permeável a novos valores, o que demanda a necessidade de se

configurarem novos tipos de relações pais e filhos. As autoras ressaltam que mudou, principalmente, a cultura da paternidade pelo fato da mãe estar mais envolvida com a responsabilidade de trabalho fora de casa. Vários aspectos indicam uma nova ordem social nas relações como: menor tempo de contato entre os cônjuges e seus filhos, maior exposição das crianças à TV e a outros grupos que orientam tarefas e lazer, práticas valorizadas da independência e autonomia dos filhos. Esse fato trouxe, por conseqüência, novos arranjos de estimulação e cuidados, como monitoração de crianças por seus irmãos mais velhos ou avós, inserção da criança em atividades coletivas em contato com a vizinhança ou escola, formas de estimulação de cuidados diários, na própria casa, como a introdução de livros, brinquedos e TV, no ambiente, valorizando os momentos que a criança passa com amigos, babá, ou brincando, à falta física dos pais. Assim, é preciso avaliar a interação direta dos pais com seus filhos, hoje restrita a períodos de tempo curtos despendidos com a criança, sendo que as interações familiares podem ser caracterizadas como de baixos níveis de interação face-a-face em atividades compartilhadas. Atualmente, avós e irmãos tem recebido reconhecimento como agentes potenciais de cuidados, quando foram, por muito tempo negligenciados da interação e do apoio social familiar. Quanto às práticas diárias nos cuidados da criança, Zamberlan e Biasoli-Alves (1997) salientam que a mãe desempenha papel primário nos cuidados e o pai, papel secundário. A classe social, nível de escolaridade dos pais, de sociabilidade familiar podem influenciar nos tipos de cuidados. Crianças que pertenciam a famílias com redes sociais amplas fora do lar demonstram que elas, em geral, eram mais sociáveis e amigáveis com outros adultos, tanto em situações estruturadas como em situações naturais. Belsky (1995; citada por Zamberlan & Biasoli-Alves, 1997) concluiu que as crianças eram passíveis de se ligarem à mãe ou ao pai, indistintamente, dependendo da quantidade e qualidade da interação que se estabelecia entre eles. Zamberlan e Biasoli-Alves (1997) afirmam que é preciso avaliar o impacto das mudanças conduzidas nas famílias nos últimos anos, para se situar experiências e relações atípicas (contextualizadas e concretas) que passaram a ocorrer nos âmbitos dos espaços privados e domésticos. As autoras apontam para algumas características de famílias em situação de risco. Uma delas



é o isolamento social, famílias que vivem sem uma rede de apoio de parentes, vizinhos e amigos apresentam maior risco, pois não contam com apoio para superar momentos de *stress*.

Sendo o desenvolvimento da criança um processo dinâmico, complexo influenciado por múltiplos fatores que interagem com as partes de um grande ecossistema, a abordagem Ecológica e Transacional de Bronfenbrenner (1979/1996), enfatiza a importância do contexto ambiental, dos processos e da perspectiva temporal para o desenvolvimento. A pessoa em desenvolvimento é uma entidade em crescimento dinâmico e interação bidirecional. Assim como a criança, progressivamente, penetra no meio em que vive e o reestrutura, esse ambiente responde reorganizando-se.

O ambiente ecológico é concebido, por Bronfenbrenner (1979/1996) como um série de estruturas encaixadas, uma dentro da outra. No nível mais interno está o ambiente imediato, contendo a pessoa em desenvolvimento. Esse sistema é conhecido como microsistema. A interconexão entre os ambientes dos quais a pessoa participa denomina-se mesossistema. Aqueles nos quais a pessoa não participa diretamente, mas dos quais recebe influência indireta chama-se exossistema. Ainda há o macrosistema, que é o sistema mais amplo de relações, e diz respeito à ideologia e à organização das instituições sociais comuns a uma determinada cultura. O desenvolvimento é definido como a concepção evolutiva da pessoa em seu meio ambiente ecológico e sua interação com ele, bem como da crescente capacidade da pessoa de descobrir, sustentar ou alterar suas propriedades. Aquilo que importa para o comportamento e o desenvolvimento é o ambiente conforme ele é percebido, e não conforme ele poderia existir na realidade objetiva (Bronfenbrenner, 1979/1996). Ramey e Ramey (1990, citados por Pierre & Layzer, 1998) incluem-se também nesse pressuposto, quando desenvolvem um modelo de vários níveis para o desenvolvimento de crianças, citando três influências sobre o desenvolvimento cognitivo e social da criança: as variáveis contextuais, incluindo o contexto biológico, social, cultural e econômico da criança e cuidadores, a corrente biológica, social, cultural e *status* econômico, as transações entre a criança e cuidadores e entre membros familiares. Ambos os modelos (Bronfenbrenner; Ramey & Ramey)

indicam que o processo de desenvolvimento é interativo naquelas experiências que participam desses fatores e tem implicações para o desenvolvimento subsequente.

Associam-se aos processos evolutivos, além do ambiente do indivíduo, conforme descrito por Bronfenbrenner (1979/1996), os processos de resiliência e vulnerabilidade. Alguns estudos (Cicchetti & Toth, 1997; Rutter, 1985; 1987; 1991; Werner & Smith, 1992) apresentam resultados da adaptabilidade de pessoa que viveram em situações adversas para o seu desenvolvimento, o que caracteriza a resiliência. De acordo com o conceito oriundo da Física, a resiliência é a capacidade que tem um corpo de "resilir" (voltar a sua forma anterior, ver Aurélio, 1986, p. 1493), ou seja, de ter flexibilidade pois, quando submetido a uma ou várias forças energéticas, sofre a ação do mesmo e após cessada a força, reage voltando ao seu estado de normalidade, mostrando sua flexibilidade (Celia, 1997).

Rutter (1987) caracteriza a resiliência como a capacidade de emitir uma ação com um objetivo definido e com uma estratégia para alcançá-lo. Werner e Smith (1992) explicam que crianças resilientes são aquelas que conseguiram enfrentar com sucesso os fatores de risco biológico e sociais, com os quais se depararam em seu desenvolvimento. Garmezy (1996) constrói uma definição de resiliência a partir da compreensão das conseqüências da exposição de adultos e crianças a fatores de risco: alguns podem desenvolver distúrbios ou doenças, outros podem superar adversidades, e, em muitos momentos, solucionar os problemas de forma eficaz. Cicchetti e Toth (1997) enfatizam o conceito transacional de risco e resiliência, ao reconhecer que há uma dinâmica no interjogo das ocorrências tanto próximas como distantes de fatores para investigar os riscos, as desordens e a resiliência. O modelo transacional é mantido pelas relações entre a organização do desenvolvimento, incluindo o biológico, emocional, cognitivo, lingüístico, representacional e interpessoal, e pelas influências do ambiente, incluindo a família, sociedade, comunidade e cultura.

Segundo Rutter (1985), são chamados de mecanismos, fatores ou processos protetivos todas aquelas influências que modificam, melhoram, ou alteram a resposta dos indivíduos a ambientes hostis, que predispõem a conseqüências mal adaptativas. Atenção

especial deve ser dada aos processos evolutivos que despertam as habilidades de lidar com o *stress* e a adversidade futura e possibilitam a superação de prejuízos psicológicos do passado. Masten e Garmezy (1985) apontam para três aspectos fundamentais de proteção, que podem ser responsáveis pelo desenvolvimento bem sucedido de crianças expostas a situações de risco pessoal e social: (a) disponibilidade de sistemas externos de apoio, que encorajam e reforçam a capacidade da criança para lidar com as circunstâncias de vida; (b) coesão familiar e ausência de conflito; (c) características de personalidade: autonomia, auto-estima e orientação social positiva. Posteriormente, Garmezy (1996) acrescentou que a avaliação do potencial de proteção desses fatores deve considerar a perspectiva interna e externa do desenvolvimento, através da constatação de outros mecanismos de proteção, tais como: (a) constância e permanência no cuidado à criança; (b) habilidades para a solução de problemas, (c) empatia no relacionamento com amigos e adultos; (d) manifestação de competência e percepção de eficácia; (e) identificação com modelos adultos competentes; e, (f) engenhosidade e aspiração. O conceito de vulnerabilidade tem sido explicado como a predisposição individual para o desenvolvimento de psicopatologias ou de comportamentos ineficazes em situações de crise. Refere-se a todos aqueles elementos que agravam as situações de risco ou impedem que os indivíduos respondam de forma satisfatória ou adaptada ao *stress* (Zimmerman & Arunkumar, 1994). Para Rutter (1987), esse termo é utilizado para definir predisposições individuais para o desenvolvimento de psicopatologia ou comportamento desadaptado. Correspondem a alterações físicas e psicológicas que ficam evidentes na trajetória de adaptação da pessoa, podendo torná-la suscetível a apresentar sintomas e doenças. Algumas condições como o temperamento e a carga genética contribuem para a vulnerabilidade de crianças que vivem em condições ambientais de alto risco. De acordo com Cichetti e Toth (1997), os fatores que promovem a mal-adaptação ou psicopatologia são: psicopatologia dos pais e abuso de substâncias, maus-tratos em crianças, violência doméstica e divórcio. Os fatores protetivos, que são opostos aos descritos anteriormente, incluem: harmonia marital, saúde mental dos pais, baixo nível de violência na comunidade. Todos esses fatores contribuem para a competência e a adaptação da

criança, tendo como consequência a resiliência. Tanto os efeitos da vulnerabilidade como dos fatores protetivos devem ser considerados em relação ao desenvolvimento e ao ambiente social em que ocorrem. Tanto o risco como a vulnerabilidade não são fatores que causam mal-adaptação, mas são indicadores de uma complexa matriz de processos e mecanismos, que impactam o desenvolvimento do indivíduo. O desenvolvimento é afetado não apenas pela presença ou ausência de risco e vulnerabilidade, mas pelo interjogo dessas ocorrências e as condições para a adaptação.

Estudos sobre resiliência e vulnerabilidade têm focado outros aspectos, como competência social, competência acadêmica e ajustamento psicológico, descrevendo características de indivíduos resilientes (Hutz, Koller, & Bandeira, 1996; Luthar & Zigler, 1991; Zimmerman & Arunkumar, 1996). Esses estudos têm mostrado que resiliência não é um fenômeno geral, isto é, as pessoas não são resilientes todo o tempo em todas as áreas. Rutter (1985) acrescenta que a resistência ao *stress* é relativa, sendo que as suas bases são ambientais e constitucionais, podendo variar também com o passar do tempo. Assim como os fatores protetivos estão para a resiliência, os fatores de risco estão para a vulnerabilidade e relacionam-se a eventos negativos da vida. Luthar e Zigler (1991) verificaram que o nível sócio-econômico está entre os índices de *stress* mais investigados. Alguns fatores que caracterizam famílias pobres operam como fatores de alto risco, tais como: ocupação de baixo *status* dos pais, baixa escolaridade, famílias numerosas e ausência de um dos pais. Outros fatores de risco identificados foram: *stress* da família, alta frequência de eventos negativos na vida, doença mental na família, baixas expectativas dos pais quanto ao desenvolvimento das crianças, interação pobre entre pais e filhos, entre outros. Em seu trabalho, Nunes (1994) ressalta que a pobreza e o preconceito são circunstâncias desfavoráveis, porém, isoladamente, podem não colocar em risco o desenvolvimento infantil. Crescer na pobreza é uma ameaça ao bem-estar das crianças e uma limitação às suas oportunidades de desenvolvimento, assim como a pobreza está associada a um aumento da incidência tanto de problemas sócio-emocionais, como cognitivos. McLoyd (1990; em Nunes, 1994) revela o modo como a pobreza e a privação econômica afetam crianças negras americanas, diminuindo a capacidade de uma

orientação consistente e protetora por parte dos pais, provocam, ainda, sofrimento psicológico resultante de um acúmulo de acontecimentos negativos na vida, condições crônicas indesejáveis e a ausência e ruptura dos elos conjugais; Para McLoyd, a privação econômica e a pobreza afetam as crianças indiretamente, mediante seu impacto no comportamento dos pais e dependem da qualidade das relações entre a mãe e o pai. Há três tipos de fatores que podem servir como anteparo ou minorar os efeitos das dificuldades econômicas sobre o desenvolvimento das crianças: a) os fatores externos (apoio social, dado pela família extensa, por amigos que não fazem parte da família e pela comunidade); b) as características das crianças (temperamento, aparência física); c) as características dos pais (personalidade, capacidade de avaliar a situação na qual se encontram e nível de recursos). A escola tem o potencial para aumentar o risco como o de proteger as crianças. Segundo Pierre e Layzer (1998), têm aumentado o número de crianças vivendo na pobreza, sendo que as razões disto são o aumento do número de casais separados, diminuição do mercado de trabalho, mão-de-obra não especializada e a redução dos benefícios sociais para as famílias pobres. Para as crianças e famílias as conseqüências de viver na pobreza são muitas. As mães sofrem uma variedade de conseqüências psicológicas, incluindo baixa auto-estima, depressão, falta de esperança no futuro, sentimento de impotência, baixas aspirações e isolamento social. As mesmas têm vários problemas de saúde, incluindo doenças crônicas, anemia por causa de uma nutrição pobre, incrementadas por riscos e abusos de substâncias. Tudo isto associado a uma baixa escolaridade, ausência de modelo parental e um apoio social pobre, levam essas mães a uma vida inadequada, com dificuldades para tomar decisões, com manejos inadequados com seus filhos, tornam-se inábeis para lidar com o orçamento e com pouco entendimento daquilo que precisam fazer para serem boas mães (McLoyd, Jayaratne, Ceballo & Borquez, 1994; citados por Pierre & Layzer 1998). Pais com modelo parental ausente ou insatisfatório e que são isolados socialmente não estão preparados adequadamente para as demandas da paternidade, com expectativas impróprias com seus filhos. São inconsistentes ou irresponsáveis, restritivos e punitivos com os manejos em relação aos comportamentos dos filhos. A ausência física ou psicológica da figura paterna

tem sido apontada como uma forte causa de problemas no desenvolvimento (Brito, 1999). Os pais podem provir uma supervisão inadequada para as crianças e negligenciarem as suas necessidades básicas. Famílias que vivem freqüentemente na pobreza, sofrem de isolamento social e psicológico, assim como possuem recursos psicológicos e materiais inadequados (Huston, 1994; citada por Pierre & Layzer, 1998).

Para crianças e adolescentes, as conseqüências imediatas da pobreza são severas. Níveis elevados de mortalidade infantil, prematuridade e saúde prejudicada, estão associados com crianças que nasceram na pobreza. Essas crianças têm menos condições de ser atendidos por um pediatra e de receber um tratamento dentário, vacinações, que são passos importantes para um crescimento futuro. Condições adversas no nascimento podem atrasar o desenvolvimento, originar problemas de comportamentos e levar a uma preparação inadequada para a escola. Os adolescentes em situação de pobreza apresentam baixo aproveitamento escolar e educação incompleta, atividade sexual precoce com gravidez, abuso de substâncias, delinqüência e alta incidência de morte por acidentes ou homicídios (Schorr, 1988; citado por Pierre & Layzer, 1998).

Rutter (1993) observou que crianças oriundas de famílias de nível sócio-econômico muito baixo conseguem planejar melhor suas vidas quando vivenciam experiências positivas na escola. Conforme Dubois, Felner, Brand, Adams e Evans (1992), o estabelecimento de sólidos vínculos com a escola proporciona apoio, capaz de amenizar condições hostis que a criança enfrenta em casa ou em outros ambientes fora da escola. Luthar (1993) propôs a existência de três tipos de resiliência: a acadêmica, a social e a emocional. Para Rutter (1985), a resiliência social refere-se ao não envolvimento em delinqüência, o ter um grupo de amigos, vínculo com a escola, supervisão parental, relacionamentos íntimos, estrutura familiar e observação de modelos pró-sociais como mecanismos protetivos. A resiliência emocional consiste em experiências positivas, que levam a sentimentos de auto-eficácia, autonomia e auto-estima, capacidade para lidar com mudanças e adaptações e um repertório amplo de abordagens para a solução de problemas.

Newcomb (1990) afirma que o apoio social influencia vários aspectos da vida. Um rico sistema de apoio social pode aperfeiçoar o funcionamento pessoal e pode amortecer ou proteger a pessoa de conseqüências negativas causadas pelas adversidades e pelo *stress*. O apoio social não é único, funcionando como um processo recíproco, bidirecional, entre as características do indivíduo e daqueles que pertencem ao seu mundo social. O primeiro sistema de apoio social identificado consiste na relação entre o bebê e seus pais (aqueles que provém recursos), sendo a base para as próximas relações, sendo que posteriormente esse sistema se amplia para outros membros não familiares. Newcomb cita alguns atributos que formam, ou desenvolvem o apoio social: traços de personalidade, auto-estima e auto-confiança, ausência de psicopatologia, comportamento, competência pessoal e saúde física.

O objetivo desse trabalho consiste em avaliar os sistemas de apoio social com os quais as crianças contam em suas vidas cotidianas e aqueles percebidos por sua família, como sistemas de apoio para a criança.

## CAPÍTULO II

### MÉTODO

#### 2.1 Participantes

Fizeram parte desse estudo 40 crianças entre seis a dez anos e um de seus respectivos pais/cuidadores, da cidade de Caxias do Sul, no estado do Rio Grande do Sul. Foram incluídas famílias de nível sócio-econômico baixo, definido como situação de pobreza, pelas condições de moradia, *status* ocupacional do provedor do lar e renda familiar (um a quatro salários mínimos). As características da amostra de crianças quanto a idade, sexo, cor e série são apresentadas na Tabela 1.

Tabela 1  
Frequência e Percentual de Dados Demográficos das Crianças (N= 40)

Variáveis	Frequências	Percentual
Idade		
6	1	2,5
7	18	45,0
8	14	35,0
9	6	15,0
10	1	2,5
Sexo		
Masculino	26	65,0
Feminino	14	35,0
Cor		
Branco	34	85,0
Mulato	6	15,0
Série		
Primeira	24	60,0
Segunda	16	40,0

Oitenta e sete e meio por cento dos pais/cuidadores que responderam os mapas das crianças foram as mães, 7,5% foram os pais e 5% as avós que cuidavam das crianças.



Os dados sócio-demográficos e de renda familiar de todas as mães e pais são apresentados na Tabela 2. A idade média das mães e dos pais foi de 33 anos ( $dp= 7,39$ ).

Tabela 2. Dados Sócio-Demográficos das Mães e Cuidadores (N= 40)

Variáveis	Frequências	Percentual
Raça Mãe		
Branco	32	80,0
Mulato	8	20,0
Raça Pai		
Branco	28	70,0
Mulato	12	30,0
Naturalidade Mãe		
Interior do Estado	35	87,5
Outros Estados	5	12,5
Estado Civil Atual Mãe		
Solteiro	8	20,0
Casado	27	67,5
Separado	4	10,0
Viúvo	1	2,5
Estado Civil Atual Pai		
Solteiro	9	22,5
Casado	28	70,0
Separado	3	7,5
Vínculo Empregatício Mãe		
Desempregado	13	32,5
Empregado	16	40,0
Autônomo	8	20,0
Bicos, Temporários	3	7,5
Vínculo Empregatício Pai		
Desempregado	7	17,5
Empregado	19	47,5
Autônomo	7	17,5
Bicos, Temporários	6	15,0
Não soube informar	1	2,5
Escolaridade Mãe		
Analfabeto	1	2,5
1° Grau Incompleto	21	52,5
1° Grau Completo	11	27,5
2° Grau Incompleto	3	7,5
2° Grau Completo	4	10,0

Tabela 2  
Dados Sócio-Demográficos das Mães e Cuidadores (N=40) - (Continuação)

Variáveis	Frequências	Percentual
Escolaridade Pai		
Analfabeto	3	7,5
1ºGrau Incompleto	26	72,5
1ºGrau Completo	8	20,0
2ºGrau Incompleto	1	2,5
2ºGrau Completo	2	5,0

Foi realizado o levantamento do número de pessoas na família, quem são essas pessoas e a renda familiar. Dessa composição, 82,5% das mães e 85% dos pais tiveram apenas um relacionamento, seguido de 17,5% das mães e 12,5% dos pais que tiveram dois relacionamentos.

Tabela 3  
Frequências e Percentual da Composição Familiar ( N=40 )

Variáveis	Frequências	Percentual
Número de Pessoas		
2	1	2,5
3	10	25,0
4	13	32,5
5	10	25,0
6	4	10,0
7	2	5,0
Composição Familiar		
Família nuclear	21	52,5
Mãe solteira e filhos	5	12,5
Pai solteiro, filhos e avós	1	2,5
Mãe e padrasto	2	5,0
Mãe solteira e parentes	8	20,0
Família nuclear e avós	3	7,5
Renda Familiar		
Menos de 1 salário	2	5,0
De 1 a 2 salários	4	10,0
De 3 a 4 salários	34	85,0

## 2.2 Material

Foram utilizados os seguintes materiais:

Entrevista individual com a criança: Foi realizada uma entrevista dirigida, para coletar dados sócio-demográficos (ver Anexo A).

Entrevista individual com um membro da família (cuidador): Foi realizada uma entrevista dirigida, para coletar dados sócio-demográficos da família (ver Anexo B).

Mapa dos Cinco Campos: O Mapa dos Cinco Campos (Samuelsson, Thernlund, & Ringström, 1996) foi adaptado para uso no Brasil com essa população por Hoppe (1998). O Mapa consiste em um diagrama com cinco círculos concêntricos, sendo cada campo assim definido: família, parentes, escola, vizinhos/amigos e contatos formais. Esses campos estão distribuídos na forma de fatias do grande círculo. O diagrama foi apresentado em um quadro 60x80 com cobertura de feltro, no qual colocou fichas circulares, com base de velcro, de figuras que representam adultos, adolescentes e crianças coloridos de acordo com o sexo (azul- masculino e rosa- feminino; ver Anexo C). O círculo central correspondeu à criança e cada círculo adjacente serviu para medir a qualidade do vínculo: o primeiro e segundo círculos, ao centro, corresponderam às relações mais próximas (maior vínculo); o terceiro e o quarto às relações mais distantes (menor vínculo); e, o último círculo, da periferia, aos contatos negativos correspondentes às pessoas das quais não gosta. O participante indicou as pessoas importantes (que goste, no caso das crianças e no mapa realizado pelos pais, eles colocaram aquelas pessoas que pensavam que seus filhos colocariam), assim como aquelas com quem mantêm um mau relacionamento (que não goste). Além disso, foi solicitado ao participante que identificasse a existência de conflito, assinalado pelo símbolo | e rompimento de relações entre a criança e alguma das pessoas representadas (pessoa com quem "não se dá"), com o símbolo # . Também foi solicitado que classificasse cada campo quanto à satisfação, simbolizado pela letra S, ou insatisfação nos relacionamentos envolvidos, pela letra I.

Em cada campo foi solicitado ao participante para situar pessoas que considera muito importante nesse ambiente (ou que os pais, por sua vez considerem importantes

para a criança). Na família, aqueles que vivem na casa onde a criança mora, e com quem mantém laços afetivos e/ou consangüíneos, tais como a mãe, o pai, irmãos e outra pessoa; nos parentes, as pessoas com quem a criança mantém laços afetivos e/ou consangüíneos, mas que não moram na mesma casa que a sua; na escola, as pessoas com quem mantém contato e que considera importante; entre vizinhos/amigos, as pessoas que residem próximas ou longe a sua casa, mas que considere importantes; no campo de contatos formais, as pessoas ligadas à outras instituições freqüentadas pela que não tenham sido referidos nos campos anteriores.

### **2.3 Procedimentos**

As crianças foram consultadas, previamente, para que pudessem decidir se aceitavam responder à entrevista inicial, bem como construir seu mapa social. Os pais/cuidadores foram informados e consultados sobre a participação dos filhos na pesquisa e também quanto a sua participação. A confirmação foi verbal e escrita, após o esclarecimento de todos os procedimentos do estudo. As crianças responderam aos instrumentos na escola e os pais foram entrevistados na escola e residência, conforme combinação prévia.

A coleta de dados foi realizada em duas etapas:

A primeira etapa consistiu em realizar uma Entrevista Inicial com as crianças e a aplicação do Mapa dos Cinco Campos. Essa etapa foi realizada na escola, em sala cedida, onde permaneceu somente a pesquisadora e a criança. A criança foi convidada pela pesquisadora a participar de um jogo. A criança sentou em frente ao quadro com os círculos e a caixa com as fichas circulares. As instruções dadas pela pesquisadora, conforme as indicações de Samuelsson, Thernlund e Ringström (1996) e Hoppe (1998) para a criança. A pesquisadora registrou os dados em uma Folha de Registro, conforme os indicados pela criança no Quadro de Feltro. Os dados citados como: nome, idade, tipo de relação que possui com a criança e outras observações da criança a respeito dessas pessoas, bem como a ordem de escolha do campo e a Satisfação ou Insatisfação no respectivo campo serão registrados na Folha de Registro.

A segunda etapa consistiu na aplicação da Entrevista com o Cuidador e do Mapa de Cinco Campos. As instruções do Mapa foram as mesmas acima, no entanto foi solicitado ao cuidador que construísse o Mapa de seu(sua) filho(a) [que já havia sido entrevistado(a)]. No círculo central foi colocada uma ficha circular representando a criança. As demais instruções foram as mesmas dadas às crianças, sendo que se investigou o nome, idade, tipo de relação, ordem de escolha dos campos, e outros fatores, que o cuidador acreditava que seu filho(a) tinha em cada um dos campos.

## CAPÍTULO III

### RESULTADOS

Os resultados apresentados a seguir foram obtidos através do Mapa dos Cinco Campos realizado pela criança e do Mapa realizado pelo cuidador, com relação à rede de apoio social e afetivo da criança.

As redes de apoio social e afetivo foram avaliadas de forma descritiva e apontados alguns dados significativos, através do Mapa construído pelas crianças e seus cuidadores. Os resultados foram levantados em relação a sua estrutura e funcionalidade.

#### 3.2.1 Estrutura

O número total de pessoas citadas no mapa dos Cinco Campos informa sobre a estrutura das redes de apoio social e afetivo. Na Tabela 4 são apresentados dados relativos ao número de pessoas citadas no mapa pela criança e pais.

Tabela 4  
Frequência, Média e Desvios-Padrão das Pessoas Citadas pelas Crianças e Pais no Mapa de Cinco Campos

	Mínimo	Máximo	Média (dp)
Crianças	0	48	20,78 (7,94)
Pais	10	39	19,42 (6,12)

Na Tabela 5 são apresentados as frequências, médias e desvio padrão referentes ao número de pessoas por campo citados pelas crianças e pais respectivamente. Observa-se que para as crianças o campo com maior número de pessoas citadas é o da escola, seguido pelo campo dos parentes, família, vizinhos/amigos e por último o dos contatos formais. Para os pais, observa-se que o campo com maior número de pessoas é o dos parentes, seguido dos vizinhos/amigos, escola, família, e por último, o dos contatos formais.

Tabela 5  
 Frequências, Médias e Desvio Padrão do Número de Pessoas Citadas nos Campos pelas Crianças e pelos Cuidadores (N=80)

N° Pessoas	Campo Família		Campo Parentes		Campo Escola		Campo Vizinhos/ Amigos		Campo Contatos Formais	
	Criança/Pai	Criança/Pai	Criança/Pai	Criança/Pai	Criança/Pai	Criança/Pai	Criança/Pai	Criança/Pai	Criança/Pai	Criança/Pai
0	1	-	2	-	-	-	1	1	24	24
1	-	1	1	-	2	2	1	2	5	6
2	4	11	3	-	2	8	6	3	5	3
3	11	10	6	3	4	7	8	4	1	1
4	8	8	5	7	6	7	3	8	3	1
5	7	6	8	11	14	11	14	13	1	3
6	3	4	5	4	5	3	4	6	1	1
7	1	-	1	6	1	2	-	1	-	-
8	2	-	2	3	-	-	-	-	-	1
9	-	-	3	-	3	-	2	1	-	-
10	2	-	-	1	-	-	-	-	-	-
11	-	-	2	1	1	-	1	1	-	-
12	-	-	1	1	-	-	-	-	-	-
13	1	-	-	1	-	-	-	-	-	-
14	-	-	-	2	-	-	-	-	-	-
15	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-
17	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-
24	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-
Média	4,55	3,47	5,40	6,04	5,65	3,85	4,30	4,50	1,02	1,20
Desvio Padrão	2,50	1,38	3,42	2,92	3,95	1,58	2,16	2,03	1,61	2,03

Nas Tabelas 6 e 7, são apresentadas as frequências e percentuais da ordem de escolha dos campos, referentes aos dados obtidos pelas crianças e pais, respectivamente. Observa-se na Tabela 6, que o campo escolhido em primeiro lugar foi o da família, em segundo lugar o da escola, em terceiro lugar o dos parentes, em quarto lugar o dos vizinhos/amigos e, por último o dos contatos formais.

Tabela 6  
 Frequências e Percentuais da Ordem de Escolha dos Campos pela Criança (N=40)

Ordem de Escolha	1°	2°	3°	4°	5°	Total
------------------	----	----	----	----	----	-------

Família						
Frequência	19	13	6	1	-	39
%	47,5	32,5	15,0	2,5	-	
Parentes						
Frequência	5	8	17	8	1	39
%	12,5	20,0	42,5	20,0	2,5	
Escola						
Frequência	13	17	4	6	-	40
%	32,5	42,5	10,0	15,0	-	
Vizinhos/Amigos						
Frequência	4	2	11	16	6	39
%	10,0	5,0	27,5	40,0	15,0	
Contatos Formais						
Frequência	-	-	1	5	9	15
%	-	-	2,5	12,5	22,5	

Segundo os resultados do cuidador (Tabela 7), 75% citaram a família em primeiro lugar, 47,5% citaram o campo dos parentes em segundo lugar, em terceiro lugar o campo dos vizinhos/amigos com 37,5%, em quarto lugar a escola (47,5%) e o dos contatos formais por último (22,5%).

Tabela 7

Frequências e Percentuais da Ordem de Escolha dos Campos pelo Cuidador (N=40)

Ordem de Escolha	1°	2°	3°	4°	5°	Total
Família Frequência	30	6	3	1	-	40
%	75,0	15,0	7,5	2,5		
Parente Frequência	3	19	14	4	-	40
%	7,5	47,5	35,0	10,0		
Escola Frequência	3	8	8	19	1	39
%	7,5	20,0	20,0	47,5	2,5	
Vizinhos/Amigos Frequência	4	7	15	12	2	40
%	10,0	17,5	37,5	30,0	5,0	
Contatos Formais Frequência	-	-	-	3	9	12
%	-	-	-	7,5	22,5	

### 3.2.2 Funcionalidade



A funcionalidade da rede de apoio social e afetiva é medida pelo fator de proximidade, presença de conflitos ou rompimentos nos relacionamentos e a satisfação ou insatisfação em cada campo. O fator de proximidade é calculado através do número de pessoas colocadas próximas à criança multiplicando por 8, 4, 2 e 1, em cada círculo, conforme a distribuição dessas pessoas no mapa. A presença de conflitos ou rompimentos, satisfação ou insatisfação é constatado pela verbalização da pessoa, no momento em que constrói o mapa. Na Tabela 8, estão indicados os dados estatísticos descritivos do fator de proximidade dos campos atribuídos pelas crianças e cuidadores.

Tabela 8  
Estatísticas Descritivas para os Fatores de Proximidade Obtido no Mapa Realizado pelas Crianças e pelos Pais com Relação à Rede da Criança (N=80)

Campo	Crianças	Pais
Família		
Mínimo	0	12
Máximo	40	42
Média	18,58 (dp= 7,25)	18,33 (dp= 6,35)
Parentes		
Mínimo	0	12
Máximo	56	80
Média	21,70 (dp= 12,03)	26,35 (dp= 16,32)
Escola		
Mínimo	8	8
Máximo	84	40
Média	21,15 (dp= 13,99)	19,03 (dp= 8,77)
Vizinhos/Amigos		
Mínimo	0	0
Máximo	32	44
Média	17,08 (dp= 8,00)	18,05 (dp=9,31)
Contatos Formais		
Mínimo	0	0
Máximo	20	40
Média	5,05 (dp= 6,93)	5,87 (dp= 9,12)
Total		
Mínimo	36	52
Máximo	180	220
Média	83,60 (dp=27,83)	87,63 (dp=35,64)

Na Tabela 9 é apresentado o fator de proximidade de quem respondeu a entrevista referente aos dados sócio-demográficos da família e ao Mapa dos Cinco Campos referente à criança.

Tabela 9  
 Frequências e Percentuais do Fator de Proximidade do Familiar que Respondeu a Entrevista dos Dados Sócio-Demográficos e o Mapa dos Cinco Campos das Crianças (N=40)

Proximidade	Frequência	Percentual
1	1	2,5
2	2	5,0
4	8	20,0
8	29	72,5

Nas Tabelas 10 e 11 são apresentados os dados relativos as fatores de proximidade atribuídos às mães e aos pais pelas crianças e pelos próprios cuidadores que responderam à pesquisa.

Tabela 10  
 Frequências e Percentuais do Fator de Proximidade Atribuído aos Pais pelas Crianças (N=40)

Fator Proximidade	Frequência	Percentual
Proximidade Mãe		
0	2	5,0
1	1	2,5
2	2	5,0
4	8	20,0
8	27	67,5
Proximidade Pai		
0	5	12,5
2	3	7,5
4	14	35,0
8	18	45,0

Tabela 11  
Fator de Proximidade Atribuído aos Pais pelos Cuidadores (N=40)

Fator de Proximidade	Frequência	Percentual
Proximidade Mãe		
0	1	2,5
1	1	2,5
2	2	5,0
4	8	20,0
8	28	70,0
Proximidade Pai		
0	9	22,5
2	4	10,0
4	8	20,0
8	19	47,5

A Tabela 12 apresenta as estatísticas descritivas do número total de contatos negativos, citados pelos cuidadores e crianças.

Tabela 12  
Estatísticas Descritivas do Total dos Contatos Negativos Citados pelas Crianças e Cuidadores

	Mínimo	Máximo	Média (dp)
Crianças	0	8	2,23 (2,25)
Pais	0	7	1,48 (1,81)

Na Tabela 13 são apresentadas as estatísticas dos números de contatos negativos por campo, mencionados pelas crianças e cuidadores respectivamente.

Tabela 13  
Frequências, Médias e Desvios-Padrão dos Contatos Negativos por Campo das Crianças e Cuidadores (N=80)

Nº/Pessoas Citadas	Frequência Família	Frequência Parentes	Frequência Escola	Frequência Vizinhos/Amigos	Frequência Contatos Formais
	Criança/Pai	Criança/Pai	Criança/Pai	Criança/Pai	Criança/Pai

0	32	35	29	22	20	33	26	26	35	38
1	5	5	8	14	14	7	9	9	5	2
2	1	-	1	3	2	-	4	4	-	-
3	2	-	2	-	3	-	1	1	-	-
4	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
5	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-
6	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
7	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
8	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-
Média	0,32	0,13	0,40	0,63	0,87	0,18	0,50	0,50	0,13	0,02
Desvio-Padrão	0,76	0,33	0,78	0,95	1,45	0,38	0,78	0,78	0,33	0,22

Na Tabela 14, são apresentados os resultados obtidos dessas mesmas variáveis porém submetidas ao Teste t, para verificar se há diferenças entre os resultados obtidos pelas crianças e pais/cuidadores no Mapa. Na Tabela é apresentado somente os resultados significativos.

Tabela 14  
Resultados das Diferenças de Médias das Crianças e das Variáveis do Mapa  
(N=80)

Grupo	Médias (dp)	p(t)	Gl
Pessoas Família			
criança	4,55 (2,50)	0,020	78
pais	3,47 (1,38)		
Pessoas Escola			
criança	5,65 (3,95)	0,009	78
pais	3,85 (1,58)		
Negativos Escola			
criança	0,88 (1,45)	0,005	78
pais	0,18 (0,38)		

\*\* p < 0,05

Na Tabela 15, são apresentadas as correlações entre as variáveis dos mapas das crianças e pais correlacionadas que obtiveram um resultado significativo. Para esses resultados utilizou-se o método de correlação de Pearson.

Tabela 15  
Correlações das Variáveis dos Mapas das Crianças e Cuidadores

Variável	correlação	p
Proximidade Mãe	0,365*	0,21
Proximidade Pai	0,325*	0,041

## CAPÍTULO IV

### DISCUSSÃO

Os resultados desse estudo são discutidos de forma a integrar os dados das entrevistas e do Mapa dos Cinco Campos da crianças e com os pais/cuidadores. Essa integração objetiva a análise das redes de apoio social e afetivo em relação ao desenvolvimento do indivíduo e da promoção da resiliência, conforme propõem Bronfenbrenner (1979/1996), Ramey e Ramey (1990; citados por Pierre & Layzer, 1998) e Garnezy (1985). O método empregado forneceu dados para a análise estatística e descritiva, a partir das entrevistas no ambiente natural da criança e a aplicação dos Mapas.

#### 4.1 Dados Sócio-Demográficos

De acordo com as Tabelas 2 e 3, observa-se que as famílias entrevistadas encontram-se em situação de risco, devido às condições de pobreza na qual se encontram. A pobreza é mencionada como situação de risco (Hutz & Koller, 1997). Os dados corroboram os estudos de Luthar e Zigler (1991), os quais citam os seguintes aspectos constituintes do nível sócio-econômico baixo: a baixa escolaridade e baixo *status* dos pais, famílias numerosas e ausência de um dos pais. Conforme Pierre e Layzer (1998), as conseqüências para as crianças e famílias de viverem na pobreza são muitas. Os pais nessa situação têm uma baixa auto-estima, depressão, isolamento social, o que desencadeia conseqüências negativas para seus filhos, pois ficam despreparados para as demandas da paternidade, com expectativas impróprias com seus filhos, podendo até negligenciar as suas necessidades básicas.

## 4.2 Rede de Apoio Social e Afetivo das Crianças

### 4.2.1 Quanto à Estrutura

A estrutura das redes revelam o tamanho e a preferência por determinado campo ou ambiente. Quanto ao número de pessoas citadas (ver Tabela 4), as amostras dos resultados das crianças apresentou a média de 20,78 (dp= 7,94), enquanto o resultado obtido pelos pais foi de 19,42 (dp= 6,12). Esses resultados corroboram estudo realizado com crianças de nível sócio-econômico baixo de Porto Alegre (Hoppe, 1998), as quais obtiveram médias de 19,83 (desvio-padrão não informado). Estudo com crianças suecas entre nove e dezesseis anos, de nível sócio-econômico médio (Samuelson, Therlund & Ringström, 1996), apresentou mediana do número de pessoas citadas entre 19 e 20,95 respectivamente. Robinson e Garber (1995) citam uma média de 20 pessoas nas redes de apoio social de indivíduos adultos sem diagnóstico psiquiátrico.

O campo com maior número de pessoas apresentado pelas crianças (ver Tabela 5) foi o da escola. Isso sugere um fator positivo, à medida que a escola (segundo Serra, 1998) cumpre com as funções de controle e socialização. Rutter (1993) afirma que as crianças com nível sócio-econômico baixo planejam melhor suas vidas quando têm experiências positivas na escola, pois proporciona apoio para amenizar as condições hostis que a criança enfrenta em casa ou em outros ambientes fora da escola. Também observa-se que há uma rede significativa de pessoas nos campos dos parentes e vizinhos/amigos, os quais são fatores que favorecem a resiliência social: o ter um grupo de amigos além do vínculo com a escola (Rutter, 1985). A presença dessas pessoas e da escola promove o desenvolvimento das crianças, as quais internalizam modelos e experiências, que formam seu mapa social (Celia, 1997). Os vizinhos/amigos promovem uma relação mais estreita pela proximidade das casas e pelas trocas de favores entre vizinhos. Segundo Zamberlan e Biasoli-Alves (1997), o menor tempo dos cônjuges com seus filhos leva a novos arranjos de estimulação e cuidados, sendo que as crianças passam mais tempo em atividades coletivas em contato com a vizinhança ou escola. Ainda seguindo a idéia dessas autoras, é na segunda infância que surgem as necessidades de

afiliação, compartilhamento de brincadeiras e identificações com os outros, o que também justifica a busca e constituição de outros vínculos fora da família. Masten e Garmezy (1985) apontam como um dos fatores de proteção aos riscos, a existência de sistemas externos de apoio. Para Mc Loyd (1990; citado por Nunes, 1994) a existência desses sistemas pode diminuir os efeitos da pobreza.

Para os pais (ver Tabela 5) o campo citado com o maior número de pessoas foi o dos parentes, sugerindo uma maior importância das relações da criança com esse campo do que com os demais. Reconhecem também relações significativas no campo de vizinhos/amigos e escola. A Tabela 14 apresenta uma diferença significativa no número de pessoas citadas pelas crianças e pais, tanto no campo da escola como no campo da família, sendo que as crianças apresentaram um número maior do que aquele esperado pelos pais. Isso indica que os pais têm uma valorização diferenciada com relação às pessoas desses campos, que são mais valorizadas pelas crianças. Uma vez que a família deve servir de apoio aos seus membros, bem como favorecer o desenvolvimento da identidade, o desconhecimento ou a pouca importância com relação às pessoas do convívio de seus filhos pode revelar a ausência de relações estáveis e recíprocas. Isso é um fator que pode revelar a vulnerabilidade dessas crianças.

Conforme Tabelas 6 e 7, observa-se que o campo escolhido em primeiro lugar pela maioria das crianças e cuidadores foi o da família. Isso sugere um sentimento de importância que tem a família para ambos. É na família que aprendemos os modelos de interação e aproximação (Bowlby, 1969; 1973; 1980; citado por Bee, 1998). É a organização que ao mesmo tempo em que sofre, espelha o impacto das transformações e se constitui no *locus* de redimensionamento individual nas suas interações com o contexto mais amplo (Bronfenbrenner, 1977).

Percebe-se assim, que a estrutura do mapa das crianças privilegia a família em primeiro lugar, em ordem de importância, porém enfatiza o sistema da escola como o mantenedor do maior número de relações. Os desencontros entre as respostas das crianças e pais (ver Tabela 15, onde aparecem as correlações significativas entre as variáveis das crianças e cuidadores), podem indicar a fragilidade das interações familiares, que apesar



de existirem e estarem internalizadas, não estão sendo efetivas, influenciando na promoção da resiliência.

Os poucos relacionamentos citados pelas crianças e pais, no campo dos contatos formais sugere a ineficácia e/ou inexistência de programas preventivos e coletivos na comunidade. Também pode revelar a precariedade ou pouca importância dos contatos formais; com pessoas e instituições da saúde pública (pediatras, postos de saúde, etc...), o que caracteriza as famílias em situação de pobreza (Pierre & Layzer, 1998).

#### 4.2.2 Quanto à Funcionalidade

A funcionalidade das redes é avaliada pelo fator de proximidade dos mapas e campos, bem como pelo número de contatos negativos, rompimentos e insatisfação nos campos.

Na Tabela 8, observa-se que o campo onde aparece o fator de proximidade mais elevado para as crianças é o da escola, seguido pelos parentes, família, vizinhos/amigos e por último o dos contatos formais. Isso sugere a existência de pessoas significativas nesses campos, com as quais as crianças encontram satisfação nesses vínculos. Para os pais, o campo com fator de proximidade mais elevado é o dos parentes, seguido pelos vizinhos/amigos, família, escola e por último o dos contatos formais. Isso sugere o reconhecimento de uma rede extensiva da criança, apesar de haver valorização diferenciada entre os campos. Para as crianças, o fator de proximidade nos campos da família, parentes, vizinhos/amigos e contatos formais alcançou escores mínimos de zero. Isso sugere a ausência ou menor existência de pessoas significativas nesses campos para algumas crianças. É importante salientar que o campo da escola foi o único que não recebeu esse escore mínimo, reforçando novamente a importância e valorização dessa instituição na rede da criança. Para os pais, os campos que obtiveram escores mínimos de zero foram o dos vizinhos/amigos e o dos contatos formais. Isso sugere que tendo os pais uma visão diferenciada da rede da criança, atribuíram uma maior proximidade para algumas pessoas nos campos da família e parentes do que as próprias crianças.

A inclusão das mães e pais, em sua maioria, no mapa das crianças, indica que há uma aceitação e internalização dos modelos parentais, somando-se aos fatores de proximidade da mãe e do pai (ver Tabelas 10 e 11), os quais alcançaram escores máximos, em sua maioria. Apenas duas crianças não incluíram sua mãe na rede, e três atribuíram menor proximidade a elas. Três mães não incluíram os pais no campo da família, por não viverem com o mesmo. As crianças, por sua vez, os incluíram porém atribuindo-lhes menor proximidade. Esses resultados obtidos pelas crianças e pelos cuidadores, apontaram uma correlação significativa (ver Tabela 15), demonstrando que há um entendimento comum da proximidade das mães e pais. O fator de proximidade atribuído àqueles que responderam o questionário alcançou escores máximos, em sua maioria, tanto com relação aos resultados das crianças como dos pais (ver Tabela 9). Isso sugere que as pessoas disponíveis para as crianças são consideradas próximas e eles assim também se consideram. Como a maioria das pessoas que respondeu foi de mães, observa-se que além de ocupar o papel dos cuidados primários com os filhos, e apesar de terem uma ocupação fora do lar, ainda são as mães aquelas que mais se encarregam das atividades da criança. Apesar desses dados não indicarem, necessariamente, um bom vínculo entre pais e filhos, reforçam a idéia de Maldonado (1989) de que, aspectos como o convívio e a disponibilidade para cuidar de uma criança e acompanhar seu desenvolvimento são determinantes na construção do amor e do vínculo da mãe com o filho. Sabe-se que crianças adequadamente criadas, são menos vulneráveis ao *stress* e dele se recuperam com maior facilidade, pois seu poder de adaptação e seus recursos internos são de valia nos horas críticas (Rutter, 1987).

Apesar das crianças incluírem e atribuírem uma importância aos pais/cuidadores, a interação com os mesmos mostra-se deficitária, pelas poucas correlações positivas entre os resultados das crianças e pais (Tabela 15). Isso sugere, conforme Winnicott (1987, citado por Fitchner, 1997), que a sensação de falta, privação, provocada por um desajuste na relação com os pais, pode levar essas crianças a buscar nos diversos ambientes (escola, vizinhança), um movimento de reparação, continência e limite (*holding*), alertando através de suas condutas as necessidades não correspondidas. Essa busca de acionamento

no meio é decorrente de um entendimento, por parte da criança, da importância do meio e da capacidade desse de provê-la.

Outros fatores que medem a funcionalidade da rede de apoio social e afetivo das crianças referem-se à presença de contatos negativos, conflitos, rompimentos e insatisfações nos relacionamentos. Essas variáveis foram incluídas em contatos negativos, pois muitos pais e crianças distribuíram as pessoas que consideram com uma influência negativa para a criança bem distanciadas da criança.

As crianças e os pais apontaram resultados semelhantes no número total de contatos negativos (ver Tabela 12). Para as crianças, o campo onde apareceu um maior número de contatos negativos (ver Tabela 13) foi o da escola. Provavelmente isso se justifica pelo fato de ser na escola o local onde as crianças estão em pares de igual, onde devem aprender a cooperar, dividir, ganhar, perder, esperar sua vez (Zamberlan & Biasoli-Alves, 1997). Essa tarefa difícil, frequentemente gera insatisfações, conflitos e muitas vezes rompimento dos vínculos. É também na escola o local onde as crianças revelaram o maior número de contatos, o que predispõem a um maior número de conflitos. Conforme Hoppe (1998), embora o ambiente familiar seja marcado por conflitos ou agressões e gere comportamentos agressivos, os contatos negativos são percebidos fora desse contexto, na escola e vizinhança, que é o emergente das novas experiências de relacionamentos.

De acordo com os resultados obtidos com os pais (ver Tabela 13), o campo onde aparece o maior número de contatos negativos é o dos parentes, indicando que para eles alguns conflitos familiares deveriam ter maior repercussão nas crianças, do que elas próprias revelaram.

Há uma diferença significativa entre as respostas dos pais e crianças relativas à escola, sendo que as crianças alcançaram um escore superior, demonstrando que os pais estão pouco informados com as situações de *stress* e de risco com os quais seus filhos possam estar convivendo fora do lar. Algumas mães (três) indicaram contatos negativos seus ou ausências de seu mapa, como se fossem da criança.

### 4.3 Conclusões

Os resultados desse estudo apresentam a rede de apoio social e afetivo de crianças em situação de pobreza. O método empregado possibilitou o conhecimento e o entendimento do tamanho das redes de apoio, do fator de proximidade, dos contatos negativos e das correlações entre os mapas feitos pelas crianças e pais.

A amostra apresenta fatores de proteção importantes para amenizar a situação de pobreza. Segundo o mapa construído pela criança e pelos cuidadores, encontram-se os seguintes aspectos protetivos: o número de pessoas citadas, há uma rede de apoio extensiva aos vizinhos, há um número alto de pessoas citadas pelas crianças na escola, a família é considerada importante para as crianças e pais, o fator de proximidade é alto para as pessoas pertencentes ao sistema da escola, parentes e vizinhos/amigos tanto para os pais como para as crianças, há identificação de contatos negativos por ambos, o fator de proximidade da mãe e do pai é alto, tanto para as crianças como para os pais. Por outro lado, observa-se alguns fatores de risco nessa amostra como: a situação de pobreza e tudo o que isso pode acarretar para o desenvolvimento das crianças, a não identificação pelos pais da escola como um sistema importante e numeroso na rede da criança, a não identificação pelos pais de todos os relacionamentos importantes na família, o baixo número de contatos formais, bem como a identificação de contatos negativos nos parentes pelos pais.

As poucas correlações positivas entre os resultados das crianças e pais, sugere um distanciamento que essas crianças estão sofrendo com relação a esses pais. Isso leva muitas vezes a buscar em outros ambientes aquilo que lhes falta no lar.

De acordo com Lipp (1996), o papel fundamental dos pais está na aquisição, pela criança, de estratégias naturais para lidar com o *stress* e na forma mais positiva de ver a vida, com interpretações saudáveis em relação a eventos do dia-a-dia e sua percepção de que é capaz de lidar com o mundo ao seu redor de modo competente. O modo adotado por uma criança para lidar com o *stress* vai determinar sua resistência quando adulto. Os resultados obtidos indicam que as famílias por viverem em situação de pobreza,

encontram-se com poucos recursos materiais e afetivos para cuidarem da saúde mental e física de suas crianças.

Novos estudos devem ser realizados para avaliar a efetividade das redes de apoio social e afetivo, uma vez que esse é um dos fatores que promovem a resiliência. Os resultados obtidos podem subsidiar a execução e efetividade de programas comunitários, nas áreas de lazer, cultura e saúde pública. É importante a existência de programas que beneficiem os pais e as crianças, abrangendo os diferentes ambientes freqüentados pelas crianças, uma vez que a qualidade de comportamentos parentais é importante para o desenvolvimento das crianças (Pierre & Layzer, 1998).

Também é oportuna a realização de uma investigação das redes de apoio social e afetivo de crianças em situação sócio-econômica mais favorecida, comparando com o mapa delas realizados também pelos pais, a fim de verificar sua estrutura, funcionalidade e integração pais e filhos.

### Referências Bibliográficas

- Bee, H. (1998). A Criança em Desenvolvimento. Porto Alegre, Artes Médicas.
- Brito, R. C. (1999). Uso de drogas entre meninos e meninas em situação de rua: Subsídios para uma intervenção comunitária. Dissertação de mestrado não-publicada. Curso de Psicologia do Desenvolvimento. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS.
- Bronfenbrenner, U. (1996). A Ecologia do Desenvolvimento Humano. Porto Alegre, Artes Médicas. (Original publicado em 1979)
- Bronfenbrenner, U. (1977). Toward an experimental ecology of human development. American Psychologist, 32, 513-531.
- Bronfenbrenner, U. (1979). Context of child rearing: Problems and prospects. American Psychologist, 34, 844-850.
- Celia, S. (1997). Promoção da saúde e resiliência. Em N. Fichtner (Org.), Transtornos Mentais da Infância e da Adolescência (pp. 21-25). Porto Alegre, Artes Médicas.
- Cicchetti, D. & Toth, S. (1997). Transactional ecological systems in developmental psychopathology. Em S. S. Luthar, J. A. Burack, D. Cicchetti, & J. R. Weisz (Orgs.), Developmental psychopathology (pp. 317-342). Cambridge: Cambridge University Press.
- Dubois, D. L., Felner, R. D., Brand, S., Adams, A. M., & Evans, E. G. (1992). A prospective study of life stress, social support, an adaptation in early adolescence. Child Development, 63, 542-557.
- Ferreira, A. B. H. (1986). Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro, Nova Fronteira.
- Fichtner, N. (Org.). (1997). Transtornos Mentais da Infância e da Adolescência (pp. 129). Porto Alegre, Artes Médicas.

- Garnezy, N. (1996). Reflections and commentary on risk, resilience, and development. Em R. J. Haggerty, L. R. Sherrod, N. Garnezy, & M. Rutter (Orgs.), Stress, risk, and resilience in children and adolescents: Processes, mechanisms, and interventions, (pp. 1-18), Cambridge: Cambridge University Press.
- Hoppe, M. (1998). Redes de apoio social e afetivo de crianças em situação de risco. Dissertação de mestrado não-publicada. Curso de Psicologia do Desenvolvimento, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, Rio Grande do Sul.
- Hutz, C. & Koller, S. H. (1997). Questões sobre o desenvolvimento da criança em situação de rua. Estudos em Psicologia, 12, 17-23.
- Hutz, C., Koller, S. H., & Bandeira, D. R. (1996). Resiliência e vulnerabilidade em crianças em situação de risco. Coletâneas da ANPEPP, 1(12), 79-86.
- Lipp, M. N. (1988). Atitudes parentais e o desenvolvimento de resiliência ao *stress*. Reflexão e Crítica, 4, 91-96.
- Luthar, S. S. (1993). Annotation: Methodological and conceptual issues in research on childhood resilience. Journal of Child Psychology of Orthopsychiatric, 34, 441-453.
- Luthar, S. S., & Zigler, E. (1991). Vulnerability and competence: A review of research on resilience in childhood. American Journal of Orthopsychiatry, 61, 6-22.
- Maldonado, M. T. (1989). Maternidade e paternidade: Situações especiais e de crise na família. Petrópolis: Vozes.
- Masten, A. S. & Garnezy, N. (1985). Risk, vulnerability, and protective in developmental psychopathology. Em B. B. Lahey & A. E. Kazdin (Orgs.), Advances in clinical child psychology (Vol. 8, pp. 1-52), New York: Plenum Press.
- Newcomb, M. (1990). Social support and personal characteristics: A developmental and interactional perspective. Journal of Social and Clinical Psychology, 9, 54-68.
- Nunes, T. (1994). O Ambiente da criança. Cadernos de Pesquisa, 89, 5-23.
- Pierre, R. G. & Layzer J. I. (1998). Improving the life chances of children in poverty: assumptions and what we have learned. Social Policy Report, 12, 1-28.

- Robinson, N. S. & Garber, J. (1995). Social support and psychopathology across life span. Em D. Cicchetti & D. Cohen (Orgs.), Developmental psychopathology (Vol. 1): Theory and methods (pp.162-209). New York: Interscience.
- Rutter, M. (1985). Resilience in the face of adversity: Protective factors and resistance to psychiatric disorder. British Journal of Psychiatry, 147, 598-611.
- Rutter, M. (1987). Psychosocial resilience and protective mechanisms. American Journal of Orthopsychiatry, 57, 316-331.
- Rutter, M., Champion, L., Quinton, D., Maughan, B. & Plicklers, A. (1991). Understanding individual differences in environmental-risk exposure. Em N. Bolger, A. Caspi, G. Downey & Moorehouse (Orgs), Persons in context: Developmental processes. (pp. 61-93). Cambridge: Cambridge University Press.
- Rutter, M. (1993). Resilience: Some conceptual considerations. Journal of Adolescent Health, 14, 626-631.
- Samuelson, M., Therlund, G., & Ringström, J. (1996). Using the five field map to describe the social network of children: A methodological study. International Journal of Behavioral Development, 19, 327-345.
- Serra, C.H. (1998). Exclusão social e violência no Brasil: A infância abandonada. Coletânea Cultura e Saber, 2, 61-67.
- Zamberlan, M. T. & Biasoli-Alves, Z. M. (1997). Interações familiares: Teoria, pesquisa e subsídios à intervenção. Londrina: Editora UEL.
- Werner E. & Smith, R. (1992). Overcoming the odds: High risk children from birth to adulthood (pp. 55-81). New York: Cornell University Press.
- Zimmerman, M. A. & Arunkumar, R. (1994). Resiliency research: Implications for schools and policy. Social Policy Report, 8, 1-18.



## **ANEXO A**

### **Entrevista Com a Criança**

Data da Entrevista:

#### ***DADOS DEMOGRÁFICOS DA CRIANÇA:***

Nome da criança:

Data de nascimento:

Idade:

Sexo:

Cor:

Endereço:

Escola:

Série:

## ANEXO B

### Entrevista para levantar dados sócio-demográficos com a família

Data da Entrevista:

#### ***I DADOS DEMOGRÁFICOS DA CRIANÇA:***

Nome da criança:

Data de nascimento:

Idade:

Sexo:

Cor:

Endereço:

Escola:

Série:

#### ***II DADOS SÓCIO-DEMOGRÁFICOS DA FAMÍLIA***

Nome da mãe (biológica, substituta, adotiva, morta):

Idade:

Cor:

Naturalidade:

Estado civil (incluir a condição civil: solteiro, casado, separado, viúvo; e atual: solteiro, casado, separado, viúvo):

Escolaridade:

Situação Ocupacional

a) Vínculo Empregatício (empregado, desempregado, autônomo, trabalho temporário, “bicos”, trabalho ilegal):

b) Profissão (atividade qualificada):

c) Ocupação (função que executa no local de trabalho ou em casa):

Endereço:

Nome do pai (biológico, substituto, adotivo, morto):

Idade:

Cor:

Estado civil (incluir a condição civil e atual):

Escolaridade:

Situação Ocupacional

a) Vínculo Empregatício (empregado, desempregado, autônomo, trabalho temporário, “bicos”, trabalho ilegal):

b) Profissão (atividade qualificada):

c) Ocupação (função que executa no local de trabalho ou em casa):

Endereço:

Quantas pessoas moram na casa?

Quem são essas pessoas?

Configuração familiar atual (ambos pais biológicos, mãe sozinha, pai sozinho, mãe e padrasto, mãe e namorado, pai e madrasta, pai e namorada, pais substitutos, pais adotivos)

Genetograma (incluir casamentos/relacionamentos da mãe e do pai, novos relacionamentos, mais filhos de cada relacionamento):

Número de casamentos/relacionamentos e filhos da mãe:

Número de casamentos/relacionamentos e filhos do pai:

Número de casamentos/relacionamentos do companheiro(a) atual da mãe ou pai (padrasto ou madrasta):

Renda familiar (em salários mínimos):

Quem contribui para renda familiar?

## ANEXO C

### Mapa dos Cinco Campos

Nome:

Idade:

Data de aplicação:

Tempo de Duração:

